

## Crack, exclusão e sociabilidade

Daniel De Lucca<sup>1</sup>

### Resenha do livro:

Bourgois, Philippe. *En quête de respect: le crack à New York*. Paris, Seuil, 2007.

Publicado em 1995 nos Estados Unidos, e lá vendendo mais de cem mil cópias, *In Search of Respect: Seeling Crack in El Barrio* foi premiado pelo *C. Wright Mills Prize*, em 1996, e pelo *Margaret Mead Award*, em 1997. Também suas traduções para o francês, espanhol, italiano e até chinês atestam a ampla e calorosa recepção de uma obra que hoje já pode ser considerada uma espécie de *best-seller* de etnografia urbana. O livro foi resultado de um trabalho de campo intensivo, que se estendeu de 1985 a 1991, período em que Philippe Bourgois, antropólogo de nacionalidade francesa, mas criado e educado no território norte-americano, viveu intermitentemente com sua esposa e seu filho recém-nascido num apartamento alugado no *East Harlem* de Nova York. A pesquisa se iniciava no mesmo momento histórico em que o crack começava a dar sinais de sua presença na cidade, transformando sociabilidades de rua, dinamizando circuitos informais da economia urbana e fazendo autoridades e meios de comunicação anunciarem o fenômeno em termos de uma “epidemia de crack”.

Ao ler o livro hoje é impossível não pensar nos acontecimentos desta última década, quando o pânico moral que assumiu o discurso público sobre o crack em algumas das metrópoles brasileiras parece ganhar maior potência na exata medida em que avança a ignorância sobre o assunto. Contudo, se parte considerável da literatura em ciências sociais brasileira focou no tema do “uso de drogas” como um “estilo de vida” para, entre outras coisas, insistir sobre a

1 Doutorando em Ciências Sociais – UNICAMP.

diversidade de experiências e objetivos, sejam religiosos, recreativos ou outros, de modo a não reforçar o estereótipo e a imagem negativa do usuário como “viciado” ou “delinquente”, Bourgois propõe outra direção. Seu estudo apreende assim, de modo único e contundente, os significados, usos e efeitos do crack à luz mesmo dos mecanismos de estigmatização, das assimetrias e das violências vividas.

Mas mesmo que o crack possua um lugar de destaque no conjunto da argumentação do autor, como um tipo de catalisador e revelador de conexões, alvo de discursos e práticas urbanas incrivelmente heterogêneas, definitivamente não se trata de um livro sobre a droga ou a drogadição. A própria categoria “adição”, que aparece aqui e ali no corpo do texto e que pode nos remeter à classificação patológica da “dependência”, não possui valor por si mesma e não explica muito daquilo que está sendo descrito. Isso, pois esta dependência é tratada não como causa, mas como “um sintoma – e um símbolo deslumbrante – das dinâmicas mais profundas da marginalização social e da exclusão” (Bourgois, 2007: 30). E mesmo que esta última afirmação deixe a interrogação sobre se talvez certo determinismo biomédico não esteja apenas sendo trocado por outro mais sociológico, é impressionante os ganhos de análise envolvidos na simples consideração de que a qualidade farmacológica das drogas é virtualmente insignificante fora de seus contextos.

Com isso, todo o negócio das drogas, suas pendências e interdependências, só é entendido quando situado no cotidiano “entramado” de relações sociais que circunscrevem a difícil vida nas ruas do *East Harlem*. Historicamente caracterizado como um território de entrada para as sucessivas vagas migratórias que chegavam na cidade, *El Barrio* era no final dos anos 1980 predominantemente porto-riquenho – o que já não ocorre mais, segundo o prefácio e epílogo da versão Francesa, publicada em 2001 pela coleção *Liber*, dirigida por Pierre Bourdieu, e que atualiza algumas informações da obra original. Ali, podia-se comprar, a qualquer hora do dia ou da noite, valium, metadona, anfetamina, seringas hipodérmicas, cocaína e notadamente crack. Não por acaso, Bourgois articula como principal posto de observação etnográfica um ponto de venda, mas também de consumo, de crack e outras drogas (*crackhouse*), que tem como fachada uma casa de jogos e cujos trabalhadores – Primo e César – são seus principais interlocutores de campo. Efetivamente, o comércio das drogas e medicamentos estruturava e aquecia a economia local, aparecendo para os jovens migrantes, filhos ou netos de migrantes, como um estilo alternativo de vida, uma possibilidade real de trabalho, enriquecimento e mobilidade ascendente num cenário marcado pelo racismo, baixa escolaridade, desemprego e extrema pobreza.

Nesta paisagem urbana, junto à aparente inaplicabilidade da lei, somava-se o sentimento de um espaço público tomado por uma agressiva minoria juvenil, com a qual a maioria dos habitantes permanecia sob o medo dentro de seus apartamentos e escolas, numa postura claramente defensiva, evitando o contato com a rua e mantendo principalmente mulheres, crianças e idosos distantes dali. Assim como no clássico estudo empreendido por Michael Taussig (1993), Bourgois entende o “terror” vivenciado diariamente pela vizinhança (que tem pouca voz no conjunto da obra) como um tipo de conhecimento marcado pela suspensão das certezas, um saber sobre o poder da violência e a experiência da dor. Este terror articula-se em torno daquilo que Bourgois conceitua como a “cultura de rua da *innercity*”, constituindo o verdadeiro foco de indagação da pesquisa e designando uma multiplicidade de valores e práticas marcadamente machistas e caracterizadas por um estilo oposicional exacerbado, conflitivo e autodestrutivo.

Mas a brutalidade, a transgressão e os desentendimentos descritos pelo etnógrafo foram cuidadosamente vertidos numa escrita que busca contornar a imagem negativa do pobre, seja como coitado ou bandido, que tanto nos Estados Unidos como no Brasil comumente é capturada e lançada ao centro dos debates públicos, passando a operar como referencial na formulação de políticas de assistência e de segurança. Trata-se de, longe de romantizar ou endemonizar a vida das ruas, elaborar uma forma textual e conceitual capaz de exprimir adequadamente tal realidade. Por isso, a censura feita ao conceito, forjado por Oscar Lewis, de “cultura da pobreza” que, com seus pressupostos culturalistas e individualistas, se desdobra na culpabilização do pobre pela situação de miséria em que se encontra. Crítico dos estudos americanos sobre pobreza urbana, Bourgois argumenta que a “cultura de rua” não constitui um outro exótico, estrangeiro e selvagem, mas um modo genuinamente *made in USA* de responder e resistir ao preconceito, ao rebaixamento moral e à agonia de ser pobre numa cidade rica. Entretanto, se é verdade que ambos os conceitos dependem do hoje já tão problemático vocábulo da “cultura”, o modo de uso em cada autor parece ser simetricamente oposto ao outro. Enquanto Lewis circunscreve as práticas estudadas a uma subcultura migrante “desviante” e “má-integrada”, resultado de uma herança permanente e transgeracional de comportamentos destrutivos; Bourgois as expõe sempre ao “fora”, demarcando uma diferença tensa e conflitivamente articulada às formas estruturais de marginalização e acumulação de desvantagens sociais.

De fato, o eixo articulador da monografia, tal como anunciado no próprio título, é o problema da manutenção da dignidade num conturbado terreno no qual laços vitais são permanentemente ameaçados, alterados e quebrados. Com isso a luta pela sobrevivência conecta-se diretamente com o antagonismo

explosivo das ruas, cuja intensidade disruptiva aponta para linhas de fuga efetivamente suicidárias. Isso pois pequenos criminosos, vendedores e usuários de droga convertem-se em agentes de uma destruição da qual não estão, de modo algum, incólumes. O cotidiano de brigas familiares, os acertos de contas entre comerciantes e consumidores, as batidas policiais, as disputas com traficantes concorrentes, tudo isso fazia as ruas do bairro tomarem a feição de um campo de batalha para se marcar posições, adquirir reputações e “ser alguém”. Tanto o crack como a violência, vértices primeiros da degradação dos corpos, são produtivamente colocados no registro da *busca pelo respeito*. Se por um lado a droga é vista como um “tritador do orgulho”, elemento difamador principalmente dos consumidores mais compulsivos, por outro lado, a violência e a fama de ser violento constituem, ali, um capital de valor inestimável. Com isso, o respeito adquirido é relativo à capacidade de promover, enfrentar ou resistir à destruição, o que faz a luta pela preservação física se articular sempre com a busca pela integridade moral dos sujeitos e a disciplina de si.

O regime das moralidades locais é então abordado face aos mecanismos mais amplos de opressão e reprodução das desigualdades, o que de fato constitui a principal preocupação teórica do trabalho e que o coloca em ressonância com o movimento teórico das ciências sociais da época. Embora tratando, por vezes, de forma demasiadamente rápida ou dicotômica as relações que vinculam a experiência íntima desta economia subterrânea (*underground*) com determinações históricas e estruturais mais amplas (*mainstream*), a riqueza da excelente etnografia, bem como a variação das escalas e pontos de vistas mobilizados pelo autor permitem de fato, o abandono de explicações unívocas e simplórias a respeito das inúmeras complicações vividas na *innercity*. Utilizando-se de uma grande variedade de materiais empíricos e bibliográficos, que vão desde dados demográficos e estatísticos relacionados às transformações das dinâmicas migratórias e estratégias governamentais, às relações entre economia política e história urbana, o autor monta um diagrama de análise complexo e diversificado que desessencializa o conflito agonístico que marca o presente etnográfico nestes “terrenos conturbados”, bem como permite modular as linhas de força que conformam aquele gueto porto-riquenho encravado na ilha de Manhattan.

Diferente de sua geração, paralisada e muda por conta dos recém-descobertos problemas da “autoridade etnográfica”, Bourgois empreende um poderoso trabalho de campo e de escrita em nada silencioso e imparcial quanto aos paradoxos, riscos e responsabilidades envolvidas neste tipo de pesquisa. Se desde suas primeiras investigações, orientadas por Eric Wolf, a respeito de sangrentos conflitos na América Central, já se colocava em primeiro plano a questão do

“etnógrafo como testemunha”, nesta obra a reflexão sobre o lugar do narrador, os laços de confiança e amizade travados com *dealers* usuários de cocaína, as considerações sobre as condições específicas de trabalho e conhecimento em “campos minados” ganham mais destaque ainda. Esta monografia, a segunda de Bourgois, o consagrou internacionalmente como detentor de uma escrita envolvente e detalhista, capaz ao escavar significados miúdos da experiência através de um estilo que se aproxima do realismo literário. Recheado de relatos brutos, e por vezes brutais, a trama da obra desenha quadros de vida carregados de tragédia humana, dando a ver o modo como sujeitos são produzidos: sofrem e geram dor, buscam prazer e êxtase, têm seus corpos marcados, passam por traumas, são renegados e incorporados, presos, espancados, entram em fúria, são chamados a guerrear e a violar. A qualidade e densidade etnográfica singularizam o livro, o tornando leitura obrigatória para todos aqueles que buscam enfrentar o desafio de cifrar, de perto e de dentro, as formas na qual a vida é negociada nesses territórios conflagrados e que compõem os novos e complicados cenários de conflito do mundo urbano.

## Referência bibliográfica

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: Um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

### Como citar esta resenha:

DE LUCCA, Daniel. Crack, exclusão e sociabilidade. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 1, p. 245-249.